

VANITAS OU O OUTRO MUNDO / 2004

Realização: Paulo Rocha *Argumento:* Paulo Rocha, Regina Guimarães *Fotografia* (35 mm, cor): Paulo Abreu *Som:* Rodrigo Areias *Música:* Carlos Guedes *Montagem:* Edgar Feldman *Montagem de Som, Misturas:* Nuno Carvalho *Decoração, Guarda-Roupa:* Manuela Bronze, Acácio Carvalho *Caracterização:* Sano de Perpessac *Assistente de Realização:* Paulo Guilherme *Interpretação:* Isabel Ruth (Nela Calheiros), Joana Bárcia (Mila), Filipe Cochofel (Alfredo), Pedro Miguel Silva (Tino), João Pedro Vaz (Gonçalo), João Pedro Bénard (Augusto), Rosa Quiroga (Isolina), Gracinda Nave (Sássa), etc.

Produção: Suma Filmes (Portugal, 2004) *Produtor:* Paulo Rocha *Produtor Executivo:* João Pedro Bénard *Director de Produção:* João Viana *Chefe de Produção:* Inês Maia *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cores, 104 minutos *Estreia Mundial:* 18 de Novembro de 2004, no Festival de Cinema de Turim *Estreia comercial em Portugal:* 30 de Março de 2006, no cinema King *Primeira exibição na Cinemateca:* Maio de 2007 (“Carta Branca a Jorge Silva Melo: o Século Passado”).

Ao contrário do anunciado, *Vanitas ou O Outro Mundo* será apresentado na sala Luís de Pina, no horário previsto das 19h.

Claro que este desvairado filme é um filme sobre a morte, há mortas, caixões, cemitérios, funerais, covas, campas, maquilhagens, cerimónias, coveiros e rezas, hospitais e vestimentas. E até o desfile inicial, esplendoroso triunfo da letal beleza (magnética Gracinda Nave, avançando como?) e desregramento de todo o espaço, como só os grandes arquitectos do barroco o inventaram (teria filmado assim o Borromini?) nos coloca nesse diapasão, convidados que ficamos, evidentemente, para a festa escura, a noite dos corpos, a putrefacção dos lábios negros, às vistas da morte. E vão ser noites de noites, horas de lobo (ou loba?), apogeus, triunfos do negro sobre a cor que, breve, se acende nos balões do São João, ou nos olhos negros de Isabel Ruth, espectral.

Mas seria triste ficarmo-nos por aqui, seria redutor, seria perder o filme se o olhássemos apenas como testamento ou maldição, reza ou mezinha, se não quiséssemos perder-nos, desorientados, pelo meio desta selva (tão barroca noção), se não quiséssemos entregarmo-nos ao correr deste rio, este filme desregrado, inquietante, mórbido, sem amarra a que nos fixemos, nem personagem que consigamos amar.

Se me deslumbra a veneziana prática da cor deste filme luxuoso, a esplendorosa cor que, na sua sabedoria prática, Paulo Rocha recolheu ao mais velho Ticiano, os vermelhos tão escuros que já a morte os leva, a saturação dos azuis, os castanhos da putrefacção, se me encanta o desarrumado saber da composição que, prático, soube ir ver aos Tintoretos, com a câmara a escapar-se, descentrada, das personagens, câmara tantas vezes tão veloz como se queria veloz a pincelada, fulminante, aquilo que me inquietou, mal caí neste filme (e reparem: não disse “vi”, disse “caí”, que é de um *maelstrom* que aqui se trata, precipício, abismo), foi o permanente arfar das personagens, o peso no peito em cada uma delas, a brusquidão das respostas sem esperança nem ternura, o arremessar das frases como quem lança facas, então nesse inquietante Pai Augusto, impenetrável

personagem a que João Pedro Bénard dá secreto, másculo peso, literalmente terra-a-terra, como serão pazadas de terra sobre os mortos.

O que me inquieta neste filme é a ansiedade, indizível ansiedade.

Há aquele plano (sublime) em que Filipe Cochofel fala a um telemóvel numa ponte, ou varanda e um combóio passa, veloz, por trás dele, voracidade, luz rasando, ainda Delacroix pintando à velocidade da queda de um corpo, há aqueles olhos que olham para o céu perscrutando os balões da festa popular, olhares de êxtase e fé-sem-esperança, há a fugaz canseira de tanta gente, num filme em que quase ninguém se senta, é uma correria, vejam aquele plano cinzento em que Cochofel, no São João, vai buscar uns homens, *perpetuum mobile*, apenas dois lanches na Atheneia, um outro chá, uns petiscos na taberna e tudo o mais é deambulação, andanças, encontros, desencontros que só a morte pára (“Daqui não vais sair”, diz lá para o fim João Pedro Bénard, o desprezante).

Sempre Paulo Rocha se encantou (e me encantou) com os bailes populares, os monstros dos barristas do Norte, os diabos, os ex-votos, os encontros e desencontros fugazes, a brevidade dos olhares. É em MUDAR DE VIDA que, frontal, ele filma o baile dos amantes encontrados-desencontrados, sepulturas já de amores mortos, corações ainda vivos em corpos que são tumbas. E não vai parar, em todo o seu cinema único, de andar entre bailes, massagens e cemitérios, pombas nas costas da amada japonesa, lama aqui no tratamento de pele de Mila, a morte sempre, e a vida saltitando entre campas, como na ILHA DE MORAES, esse seu filme secreto e maior, documentário-irmão desta ficção de agora. Aqui, em *Vanitas*, parece escusar-se, o fogo-de-artifício (fátuo, ele também?) rebenta, ribomba por todo o lado, apogeu barroco da incerteza contra a morte, grito, cor gritada, explosão, e o tempo corre, que a câmara quase nunca está quieta, nem nós, perscrutando.

E é claro que todo eu me exalto na sequência inesperada, extraordinária, revisitação romântica dos mais românticos, em que Filipe Cochofel, sobretudo desfraldado pelo vento, silhueta negra contra o revolto mar do norte, acabará por atirar pedras contra cada um dos outros, exaltado ódio ao nascer do dia.

Talvez nem em Mankiewicz, em quem este filme pode fazer pensar (pois não é um “All About Mila”?), tenha havido tanto ódio entre as personagens, secretas, sozinhas, cansadas personagens, abandonadas de esperança, roídas pelo desprezo e pela intransigência, tanta desistência, tanto orgulho ferido e conquistado.

“Ainda me doem as costelas de me virar na cama” (bela frase de Regina Guimarães, digna do melhor António Reis do MUDAR DE VIDA), diz Mila (a inquietante, maravilhosa Joana Bárcia) – e esta dor que vem de antes, de muito antes, da miséria entrevista, da miséria superada ou apenas maquilhada não tem redenção, não há esperança que neste Douro desponte, nem paz que se veja, apenas um barco que passa no reflexo da janela.

Por isso é este filme veloz, a correr, a cair, diria eu, filme tão curto, tão fugaz como fátuos são os fogos, de tão rápida combustão, é um fósforo apenas este incêndio, esta explosão. Este túnel com luz lá para o fim, como no derradeiro e grandioso plano. E como quase nunca em Paulo Rocha, que durante anos passou por contemplativo, tímido, macambúzio, solitário, romântico, exótico e japonês. Mas que é o cineasta do lugar: e nunca o Porto foi assim, barroco, podre, com o cortejo dos seus mortos, o São João e a vida breve das suas ambições.

Não voltarei mais ao Porto sem estas glórias perdidas, esta ameaça, a balança que este filme nocturno lhe ofereceu, esta velocidade, este deambular, “tanta guerra, tanto engano”, este acumular de quedas, este fracasso permanente, e este ódio gelado, peitos arfando sem saber o que mais podem querer da vida, se é que podem querer.

Raríssimas vezes o cinema nos deu este negrume, este abismo no coração gelado das personagens.

É que o cinema é feito para agradar. E Paulo Rocha não precisa disso, este Paulo Rocha a que se poderia apor o Vecello como já ao Veneziano lhe fizeram, Tiziano, o rápido.

Barroco, repito, este é um filme maior de Paulo Rocha, filme lúgubre, tremendo, terrível, assustador, *memento mori*, como tanta pintura o quis, lembrando a fugacidade das paixões e dos poderes, lembrando a vida breve.

Por isso se chama “Vanitas” como aqueles quadros, escreve Almeida Faria no conto homónimo, onde luzem “caveiras com coroa de louros (...); a sumptuosa simplicidade das cerejas

(...); (...) copos de vinho, frutos diversos, ostras abertas e até um caracol avançando de cornos ao sol na toalha vermelha; ou tulipas com rã e borboletas (...). (...) aquelas misteriosas naturezas-mortas designadas por *vanitas*, que traduzem em imagens o *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*. Aqueles fulgores de frutos e flores onde perversamente aparece a pétala fanada, a polpa murcha, o podre; aquelas riquezas da Terra onde de súbito surge o bolor e o verme; os moluscos e insectos carregados de recados, a mosca simbolizando talvez o demónio ou o mal, o caracol cuja casca alude, segundo alguns, ao vazio da fortuna, ao oco tambor da vanglória e da fama.”¹

Este é um filme realmente barroco, e, nos meus tempos de jovem, que também fui *jeune turc*, colocá-lo-ia no mesmo podre altar onde poria o teatro de Calderón, o da *Vida É Sonho*, o do *Grande Teatro do Mundo*².

Pois só aqui voltei a assustar-me, contemporâneo, moderno, com telemóveis, prisões, contratos de moda, *marketing* e *design*, voltei a assustar-me. E a procurar o conforto dos versos

“*que toda la vida es sueño
Y los sueños sueños son*”

Pudesse o cinema merecê-lo, e este poder ingrato.

Jorge Silva Melo

¹ Almedia Faria, *Vanitas, 51, Avenue de Léna*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian. 2007. (N. do A.)

² Calderón de La Barca, *La Vida es Sueño*. (N. do A.)